

## Filmes para pensar

Denise Garcia é gaúcha, mas realizou um documentário sobre a mais carioca das manifestações da cultura de massa: o funk. Concordemos ou não com a tese de seu filme *Sou feia mas tô na moda*, é inegável que se trata de uma produção destinada a levantar debates, a fazer pensar. E para Denise, o cinema deve servir para isso, especialmente quando financiado por verbas públicas. Sobre essas e outras questões, conversamos, por email, com a diretora e produtora, sócia da bem humorada Toscographics Desenhos Animados.

### Fale um pouco da sua trajetória, como você começou a filmar?

Comecei a trabalhar com audiovisual fazendo produção de figurino e elenco em 1987, na RBS TV (subsidiária da TV Globo) em Porto Alegre. Depois de alguns anos fazendo curtas e publicidade, passei à direção de produção de curtas e longas na Casa de Cinema (Jorge Furtado), também em Porto Alegre. Em 1999, vim para o Rio com meu sócio, Allan Sieber, e abrimos a Toscographics Desenhos Animados. A idéia era produzir somente animação. Acabei, no entanto, fazendo a direção de produção de dois longas-metragens cariocas: *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, de Jose Joffily e *Vestido de Noiva*, de Joffre Rodrigues, além de produzir uma série de curtas na Toscographics e o documentário *Sou Feia Mas Tô na Moda*.

### Como atua a Toscographics?

Somos uma equipe pequena. Eu faço a produção de todos os filmes e também desenvolvo meus projetos, como o *Sou Feia*. No momento, estou realizando um filme sobre o que restou do comunismo em Berlim após 19 anos da queda do Muro. Em março, devo voltar a Berlim para continuar filmando. Na Tosco, estamos terminando um curta dirigido pelo Allan, *Animadores*, e produzindo uma série em animação para o Canal

Brasil chamada *negão Bolaquito Talkshow*, também dirigido por Allan.

**O seu filme mais conhecido, *Sou Feia, Mas Tô Na Moda*, é um documentário sobre o funk. Como você chegou a esse tema? Por que ele é importante?**

Quando nos mudamos para o Rio eu pensava que o funk era a expressão musical mais genuína do carioca e esperava encontrar lugares onde pudesse ir para escutar e dançar a música. Não demorou, no entanto, para eu perceber que o funk estava bastante restrito aos bailes nas favelas. Na época era o início do estouro dos bondes e MCs mulheres. Me encantei com o senso de humor feminino exposto nas letras. Então fui atrás da Tati Quebra-Barraco, a primeira que entrevistei. E por um ano entrevistei homens e mulheres do funk.

**Na feitura do filme, como foi o processo de captação de recursos. Fale para a gente sobre a história dessa produção.**

Nunca consegui captar recursos para este filme, embora o projeto estivesse aprovado na lei do ICMS e na lei Rouanet. Então produzi sem recursos, com fitas usadas, câmeras emprestadas, carona na van dos funkeiros, ilha de edição cedida. Do princípio ao fim, não contei com nenhum recurso especialmente direcionado ao filme. Os eventuais gastos com novas fitas, gasolina, etc. eu ia colocando do bolso mesmo.

**Qual a sua avaliação sobre as políticas de incentivo à cultura e como o Estado brasileiro tem atuado?**

As políticas, teoricamente, não são ruins. O problema é que as empresas, os investidores só dão dinheiro a quem já tem dinheiro. É o mesmo esquema do empréstimo no banco. Se você for pobre, não leva nada. Se for rico, se tiver uma dívida de milhões, o banco ainda lhe empresta mais. No Brasil é meio assim. As pessoas responsáveis nas empresas pelos departamentos culturais, de investimento, no geral querem investir num

filme que lhe dará o seguinte retorno: convite pra festinha. Então, se você tiver uma ficção terrível, mas cheia de atores conhecidos, é bem mais provável que consiga uma grana. Se você tiver um projeto sobre favela, é melhor que seja falando da desgraça, para mostrar como você, cineasta, é bonzinho e está se prestando a ir lá filmar aquelas pobres pessoas. Agora, querer fazer um filme que fale da favela como espaço de criação cultural é demais, ninguém se interessa. Os investidores, que são classe média-média ou alta, têm a mesma visão que suas classes: a favela é o reduto do crime, da violência, e os favelados são os responsáveis pela situação toda. E isso simplesmente não é verdade. Então é bem complexo o processo de conseguir investimento. Você tem que concordar com a classe social que lhe “dará” este dinheiro ou não faz filme com recursos.

### **Como você vê a produção cinematográfica brasileira hoje?**

Acho a produção brasileira bastante primária. Ótimos recursos técnicos e pessoal tecnicamente capacitado a serviço de idéias ultrapassadas, de roteiros pouco corajosos.

### **Como os documentários se inserem nisso?**

O documentário é onde você julga o que vê. A posição do diretor está mais clara do que na ficção. Ou pelo menos deveria estar.

É também o espaço para passar a palavra para outras pessoas. O tipo de documentário que me interessa fazer é este.

### **O que te impulsiona a filmar?**

Vontade de ver as pessoas falando sobre coisas que eu não sei.

### **Qual o papel da produção audiovisual pode cumprir na nossa sociedade hoje?**

Chamar para a reflexão e o debate. Ser um pouco o espelho do que pensamos, de como nos vemos como brasileiros. Aumentar o espectro de personagens, coisa que a

televisão, que só trabalha com estereótipos, não faz. Ser um espaço de criação da nossa identidade.

A nossa sociedade precisa disso. Já que não tem escola e o povo está acostumado a assistir televisão, acostumado a imagens por conta do papel da TV Globo neste país, talvez um bom filme possa fazer refletir uma vez que usa a mesma linguagem.

Me interessa também pela linguagem literária. Gostaria de dizer que um livro é ainda mais importante que um filme, pois o livro faz a imaginação do leitor criar as suas próprias imagens. Mas quem lê? Quantos de nós brasileiros sabemos ler? E por saber ler não falo apenas em decifrar o alfabeto, mas saber o que está lendo, saber escolher livros, entendê-los.

Então é isso, um filme pelo menos, um bom filme e podemos continuar ou começar o debate.